

Marco Polo Guimarães¹

DISCURSO DOS SETE SÓIS DO RECIFE

À memória de Téo, um paulista com o coração ensolarado

(SELEÇÃO: Sax Áspero, Ed. Aguaforte, 2007)

1

O sol da manhã tem três momentos
limpos, definidos e em movimento.
A linha onde um começa e outro acaba
é gesto rápido de asa.

Bem cedo ainda, impregnando as pedras,
o sol é meio seio e meio lua.
Seu leite frio mistura-se à terra
que há nas paredes e no rosto dos homens.

Em cada coração a pomba escura
ainda pousada está. O vinho claro
do vento dilui ao máximo a luz
já esgarçada.

A cidade cresce no silêncio,
salamandra ardendo em cores calmas.
Sobre edifícios, casebres, casarões e casas,
o sol é uma bênção calada.

2

Num segundo o sol explode em mel
de laranja e se derrama sobre as aves,
sobre as árvores, sobre os frutos:
sobre as praias derrama o seu verão.

Emanha-se nos cabelos uma brisa

de pitanga e tangerina, o céu se abre
em leque de papel de seda e a cidade
ávida se agita, onda entrelaçada.

Ananases e caju se incendeiam,
gordas goiabas racham e se rebolam,
papoulas giram hélices vermelhas
e os jasmims despençam em chuva branca.

Este segundo sol é o escudo
e o espelho da manhã. Nele se estende
o dorso liso da cidade, a sua chama,
a sua lâmina azul e incandescente.

3

O terceiro sol da manhã
entra na esfera do ardor.
Exerce sua áspera sintaxe
para elaborar seus versos duros.

O compacto das sombras
pesa nas superfícies e arestas
como poço de calor ou
rachadura no vento.

A manhã amadurece
e cai molhando a areia seca
com seu sumo sujo,
seu gosto de pó e lama.

Cores de susto
esticam suas peles.
No tambor do sol
há um olho arregalado.

4

Dentro da tarde o sol tem três momentos
que se movimentam em asa tonta e lenta.
O primeiro é um pássaro dourado e silencioso
cujo corpo é atravessado pela cidade.

Dentro dele (que é transparente) a cidade, alagada
em duramarelo, começa a se derreter.
Começa a vibrar em terremoto e febre
enquanto os delírios passeiam nas janelas das casas.

A indecisão percorre as linhas, o tumulto
do informe lança o manto sobre os ossos da vida.
Tudo caminha para um lago de lava
que desce a montanha do céu indiferente.

Os homens andam pesados, seus rostos são garranchos
de mão com mal de parkinson, a luta desce
ao ponto morto da exaustão, a espinha da cidade
está quebrada sobre um deserto de vidro moído.

5

Para reatar a tarde o quinto sol
esfria tudo ao redor. Espalham-se amarelos
de um amarelo-gema. A luz limpa os olhos e
as cores de tudo que é agulha e ferida.

Tudo é brilho e nitidez, tudo se move:
o cata-vento vermelho, o carro branco,
o avião niquelado, as folhas das janelas
onde se debruçam fêmeas de cabelos esverdeados.

Já se colocam varandas diante das casas,
rasgam-se janelões nas paredes dos quartos.
O sol varre corredores, salas e desemboca
nos quintais, nos pássaros de brinquedo.

A tarde é um carrossel
de flores. Bicicletas frágeis
percorrem-na em silêncio. O mar
é um espasmo interminável.

6

O terceiro sol da tarde, o terceiro movimento
enche-se de áspera hemorragia
por fora e por dentro
melando todo o dourado que se via

banhar de ouro a cidade, suas paredes,
suas vidraças. Agora
vê-se que aquele ouro era só casca, e a rede
de sangue embala cada segundo da hora.

A cidade se desfaz, desta vez na sombra,
como que mergulhando na lama

do rio, gato camuflando-se na alfombra
ou moribundo se misturando à cama.

E o preto, esta cor soma das cores,
pincela os olhos do tempo, esta soma
de sóis. O vento abre seus sabores
e passeia sonhos sobre a cidade em coma.

7

O último sol é o sol do mistério
situado ao oriente destas trevas.
Medalha imaginada, flutuando
no reverso de um mar inquieto.

Viaja longe, invisível e silencioso,
girando suas mil flores amarelas,
suas engrenagens de surpresa e vidro,
suas agulhas de gelo enfurecido.

Agora habita outro universo, outro rio
navega em suas veias; e aqui é outro mundo
também, cheio de estalidos, sussurros
suspeitos, tudo em aguda suspensão.

Seus galos, seus soldados, suas sentinelas
aguardam pacientes o momento certo
de lançarem gritos de aviso, flechas
que risquem no céu o cenário da nova manhã.

¹ Nasceu em 31/03/1948, em Recife, PE. Jornalista, escritor, poeta e músico. Aos 20 anos já mantinha um coluna literária no Diário da Noite, do Recife, mas também trabalhou como repórter do Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Jornal da Tarde (SP) no período 1968-1975. Em 1975 retorna ao Recife para comandar a Editoria de cultura do Jornal do Commercio por 23 anos. Foi assessor de imprensa da Fundação de Cultura de Olinda (1989-1990); Diretor do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (1999-2000) e Editor da revista Continente Multicultural, desde 2000. Seu primeiro livro – *Vôo subterrâneo* – foi de poesia e saiu em 1986; o segundo foi um livro de contos: *Narrativas* (1992); o terceiro é de memórias: *Memorial* (1996). Daí em diante só publica livros de poesia: *Brilho* (1996); *Palavra clara* (1998); *A superfície do silêncio* (2002); *Caligrafias* (2003). Cantor e compositor, integrou o conjunto musical “Ave Sangria” e participou das coletâneas *Asas da América – Frevo I e II*. Tem músicas gravadas por Ney Matogrosso, Teça Calazans e Zezé Motta, entre outros. (Fonte: Tiro de Letra)
Email: pologuimaraes@gmail.com

Recebido: 22.12.2013

Aprovado: 25.12.2013